

PMS	IMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	03/03/99	
Caderno	6	
Seção		
Assunto	Mercado e Feir Feira do Japão	



Na tradicional feira do bairro, ainda há lugar para a pechincha

Morador da Liberdade não dispensa a Feira do Japão

Todos os sábados, comerciantes e consumidores mostram a cara no bairro da Liberdade, na tradicional Feira do Japão. Gente de todos os tipos e idades revelam seus hábitos alimentares, hábitos e preferências ao escolher verduras, legumes, carnes, peixes, flores e até cadernos e canetas ao circular pela feira, que se esprega numa das ladeiras do bairro até desembocar na Rua Lima e Silva, onde os feirantes já se confundem com os camelôs.

A população do bairro não quer nem ouvir falar em tirar a feira dali. Por mais que as condições de higiene sejam precárias (carne e peixe sem embalagem ou carimbo da fiscalização e expostos sem refrigeração alguma), as donas-de-casa acham melhor andar algumas quadras até chegar à feira, onde as frutas, legumes, verduras, ovos, carnes e pescados custam menos do que no supermercado. A alternativa é ir mais longe, para comprar produtos em melhores condições, e pagar mais caro. Além disso, na feira o consumidor pratica um *esporte* que anda meio esquecido nos pontos de venda mais modernos da cidade: a pechincha, que faz o preço de um caderno de dez matérias cair de R\$ 10 para R\$ 7 apenas na conversa com o comerciante.

Um consumidor que vai à feira pela primeira vez logo aprende a lição: não adianta ir arrumado, de banho tomado e cheirando a perfume francês. Por esta pequena lição de elegância, a dona-de-casa vai pagar 50% mais do que as pessoas que vão de bermuda, chinelo, sacola de plástico e lenço de pano desbotado na cabeça. Um vendedor anunciava pettinga tratada, lavada e embalada a vácuo (praticamente o único produto vendido na feira que segue os ditames do Ministério da Agricultura) por apenas R\$ 1 para os mortais comuns. Mas cobrou R\$ 1,50 para uma dona-de-casa que estava elegante e bem vestida.

Obstáculos

O pior não é o superfaturamento dos produtos, a depender da cara do consumidor, mas andar na feira. Ter educação e dar passagem para os outros, parando para esperar que os mais velhos, por exemplo, possam se locomover sem problemas. O empurra-empurra é geral nas ruas e ladeiras por onde a feira se estende, uma das poucas feiras livres que resistem ao tempo e sobrevivem em Salvador. Para atrapalhar o caminho, carrinhos de mão. "É um absurdo. Ninguém consegue andar por aqui", diz João Manoel dos Santos, aposentado. "Nem feira estou fazendo, só quero chegar lá em cima no ponto", reclamou.